



BATALHA DE CAMBEDO (E II)

Dez anos e meio após o levantamento militar fascista na Espanha, a 21 de dezembro de 1946, tinha lugar numha aldeia portuguesa achegada à Galiza a nomeada Batalha de Cambedo. Um episódio no qual a solidariedade entre galegas e portuguesas há desafiar o esmagador poder repressor dos governos de Franco e Salazar.

CRIAÇOM

Duendeverde é um trasno azul que habita num palafito custodiado por sete gatos e um unicórnio. Só abandona o seu cogumelo quando programa una expediçom; pois o mundo terrícola nom casa com a sua escala microscópica. Amante dos minumundos e do cosmos, Duendeverde lê Lovecraft sentado ao pé dumha grande árvore.

CINEMA

Alberte Pagán fala-nos de 'O novo ceio', homenagem audiovisual que Eloy Domínguez Serén realizou a Díaz Castro com motivo do 'Projeto Nimbos'. A peça, gravada na Suécia, tem como centro o Globen, o edifício esférico mais grande do mundo.

EM TEMPOS

Das vendas, das mercas e das feiras

Óscar Valadares

Andam os tempos cada vez mais económicos. Nunca tanta gente soubo tanto tecnicismo nem tanta gíria económica, e talvez nunca tanta gente soubo menos de economia, polos vistos. Hoje vou fazer um pequeno contributo, referindo-me às vendas, às mercas e às feiras que povoam a nossa toponímia galego-portuguesa.

Diz José Cunha Oliveira que o topónimo Venda é viário e refere um "lugar onde se faziam vendas ou mercado à beira da estrada". É possível, porque ambas as palavras — Venda e Merca — tenhem, com efeito, esse significado no contínuo galego-português. Se se trata de topónimos especificamente viários é já outra questão, que daria para escrever muito, aliás. Com efeito, no galego-português medieval há constância de superposiçoms funcionais, semánticas, do étimo venda com o significado de pousada, especificamente viário, — o que parece claro quando aparece em plural (as Vendas da Barreira, Ríós) — mas nom parece que essa



associaçom seja em absoluto obrigatória. Do que nom hai dúvida, especialmente no caso de feira, é de se tratar de oicotopónimos, isto é, nomes relacionados com as atividades económicas e culturais humanas e, por isso, com fenómenos *nom naturais*, muito mais abundantes na toponímia.

Feira — nom hai dúvidas — procede do latim *feria*, com o significado de 'dia festivo' e, por extensão, 'dia de grande mercado'. O *feria* latino apresenta umha dupla evoluçom em galego-português que diferencia esse par: férias para os dias festivos (nom por acaso, o *feriae* latino tem na sua origem a forma *fesiae*, com a mesma raiz que *festum*, 'festivo') e feira para o mercado -que depois irá também denominar correlativamente cin-

co dos sete dias da semana. Fora dessa extensom de significado, as feiras converteram-se numa das principais atividades económicas na área rural da Galiza e de Portugal, e daí procede a variada formulaçom que originárom, desde as massivas Feira Nova e Feira Velha, ou Campo da Feira para microtoponímia e toponímia geral, até àquela que, mais especificamente — eis umha inovaçom —, aponta tais eventos no calendário: a Feira do Dous (Serantes - Ferrol), a Feira do Seis (Barrantes - Tominho), a Feira do Treze (Sedes - Narão), a Feira do Vinte (Taborda - Tominho); a Feira do Vinte-e-três (Tominho) ou a Feira do Vinte-e-sete (Vilouçás - Paderne), por citar apenas casos da Galiza.

Venda e Merca, pola sua vez,

podem apontar para as actividades económicas à beira do caminho, como ainda se fai agora e como, sem dúvida, se deveu fazer muito mais em épocas anteriores, quando estávamos menos contaminados polos grandes supermercados e pela inflaçom de centros comerciais. Entom, Venda procederia do latim *vendita*, participio de *vendo*, com o idêntico significado. E Merca relacionaria-se com o latim *mercatus* 'lugar onde se vende e se compra (ou merca)', proveniente do étimo *merx*, provavelmente etrusco. Trataria-se, então, de topónimos deverbais, com uma poderosa referencialidade que explicaria, ao mesmo tempo, a sua expansom e a sua conservaçom no tempo. Ora, também se tenhem apontado outras

explicaçoms para os topónimos destas duas séries. J. J. Moralejo suspeitava que, como Bendanha, Bendoiro ou Vendabre, o topónimo Venda podia derivar, nalguns casos, de um **bend-* indo-europeu, com o significado de 'ponta montanhosa' ou do proto-céltico **windo-* 'branco'. E, para Merca, Rosa Pedrero sugere que, como em Mirce (Melide) ou Miraz (Germade e Friol), poda ter a ver com o hidrónimo **mir-ko* ou com o céltico **mer-g* 'roxo, rúbio'.

A favor da hipótese latina joga o facto de estes topónimos apresentarem amiúde formas de artigo, tanto em "a Venda" como em "a Merca". A existência desses artigos, na realidade, nom é prova incontornável, porque os artigos, como é sabido, poderiam ter sido adicionados mais tarde, por assimilaçom. Dado o volume de ocorrências, o mais provável é que estejamos perante uma dupla origem, que só seria possível identificar no caso concreto — e nem sempre, claro. Ainda, tampouco pode descartar-se a possibilidade de se produzirem ré-significaçoms e adaptaçoms assimilativas umha vez perdida a referência semântica dos casos pré-latinos. Casos desse tipo já se viram e nom devem estranhar.



EM TEMPOS

O CAMBEDO NO CONFIM DA MEMÓRIA (E II)

Enquanto a situação na Galiza tinha piorado até ter tornado quase insustentável pelo décimo aniversário do levantamento fascista de 36, na parte lusa da raia a guerrilha tinha encontrado abeiro e apoio, sem atenção por parte da Guarda Fiscal e simples receio de parte do PIDE. Mas a partir dumha atuação do “Juan” em Negrões no justicamento do Pinto o assunto reverte-se, começando o acosso militar e a difamação mediática, acentuando a figura do “Juan” como líder dos 'contrabandistas' e 'assassinos'. Nasce nesta linha o projeto conjunto das forças militares portuguesas com as espanholas para a eliminação da guerrilha galega em Portugal.

J. Sanches

A operação organiza-se para o 20 de dezembro e segundo o sargento Cruz contárom com uns quinhentos efetivos do lado português, que se repartiram entre as aldeias de Nantes, Mosteiro de Cima, Sanfins da Castanheira, Sanjurge, Couto e o Cambedo, aliás de outro meio cento de 'grises' na parte galega. Cara ás as seis da manhã chegam ao lugar do Cambedo, onde começariam a cercar as casas baixo suspeita, postando na de Engrácia a um PIDE e um GNR. Assim, ao entrar o dia, a aldeia está arrodada e o “Juan” dorme na casa de Engrácia, enquanto Demétrio e Bernardino Garcia passam a noite na de Manuel Bárcia, cunhado de Demétrio. Entom, a um militar escapa-se-lhe um tiro antes de tempo que há alertar a Bárcia e deste jeito preparar aos guerrilheiros. Tentam entom a fugida e o “Juan” consegue liscar, mas o Demétrio mais o Garcia vem-nos e começa o enfrentamento. Ferem a um guarda-republicano e as forças portuguesas retrocedem para chamar polos reforços espalhados na zona.

Será contra as oito da manhã quando se escutem uns tiros ao longe. É o “Juan”, quem trás tentar passá-la raia e dar com a Guardia Civil, recua para enfrentar-se com a GNR, contra quem perde a vida.

Nesta altura começam a chegar os reforços e fai-se a revista das casas. Ao chegar à de Manuela, irmã de Demétrio, esta di aos três militares que nom tem problema por que entrem a cheirar, conseguindo a sua confiança, momento no que Demétrio e Garcia, aguardando dentro, inçam a dous deles a balaços e só um consegue escapar, informando do seu agocho. Vam queimar entom os palheiros e quase qualquer elemento inflamável dos arredores da casa para cortar a possível escapada. Tam-



bém ordenarám a Manuel Bárcia, anteriormente apresado, a recolhida dos cadáveres e a queima do seu palheiro, perto do abrigo dos combatentes.

O tiroteio continua durante toda a tarde, sem poder sair as vizinhas das suas casas e deixando a umha menina ferida de bala, com bastante probabilidade por obra dos militares. Contra a noite a PSP lança granadas de gás lacrimogéneo ao agocho dos “bandidos”, que calculavam deviam ser seis ou mais, mas de súbito o vento deixa de ser-lhes favorável para virar-se contra eles.

Já entrado o 21 toma-se a decisão de evacuar as casas próximas para começar o bombardeio com umha rajada inicial de trinta morteiros, que dá num PSP ferido, e outros sessenta mais, deixando a casa de Bárcia e arredores numhas ruínas fumeantes. Tentam aproximar-se e um PIDE recebe um tiro, volvendo recuar. E cara as quatro da tarde, depois de todo um dia de combate entre centos de militares e policías por-

tugueses contra um par de guerrilheiros mal armados, sai dumha casa contígua o pai de Demétrio, que é prendido. Intensificam o ataque; metralhadora, granadas, bombas incendiárias, disparos... Garcia e Demétrio seguem a respostar, mas perdendo força devagar, rematando com o tiro que acabaria com Bernardino Garcia trás respostar-lhe ao companheiro; “Vai ti, eu nom vou. Queda-me umha bala e esta é para mim”. Finalmente Demétrio saca um pano branco que levará à sua detenção.

Este é o resultado imediato da gloriosa atuação das forças militares portuguesas e espanholas: Dous guerrilheiros mortos e um detido, dous militares mortos e vários feridos, umha nena ferida, algumas casas destruídas e dúzias de civis apresadas.

Processo do Cambedo da Raia

Após o terror da batalha som detidas sessenta e três pessoas de vários concelhos raianos por ter prestado apoio aos guerrilheiros.

Mais de trinta ham ser postos em liberdade (condicional ou definitiva) nuns dias, alguns meses. O resto tivo julgamento com sentença no 12 de dezembro do 47, polo que; Demétrio será condenado a 28 anos de prisom, encarcerado até o 1965. Manuel Bárcia rematou por fazer três anos de prisom por guardar aos combatentes. Silvino Domingues, curmao de Manuel, é condenado a quatro anos. José Pereira, José do Nascimento Barroso, Guilherme Pereira, António Lavouras, Engrácia Gonçalves (a que teria agachado ao “Juan”), Isilda dos Anjos e Adelaide Teixeira, som condenadas a 2 anos. Manuela Garcia Álvares (irmã de Demétrio e mulher de Bárcia), Celestina Miranda, João Exposto; Saudade Lavouras; David dos Santos Pires; Adelino José; João do Nascimento; José Rente; Vitorino António de Oliveira, o Nacho; Salvador dos Anjos, José Augusto Gonçalves; Armindo Augusto e Florinda Barbosa Pinheiro som absolvidas trás passar treze meses encarceradas, muitas

simplesmente acusadas de ter algum tipo de filiação com os combatentes.

FONTES

Agradecimento especial a Dionísio Pereira pola cobertura e atenção prestada para a realização deste artigo.

- Cadenas, Delfim. *Da Guerra Civil na Galiza à Batalha do Cambedo da Raia*. Jornal Mapa, junho de 2014 (<http://www.jornalmapa.pt/2014/06/18/da-guerra-civil-na-galiza-a-batalha-do-cambedo-da-raia/>)

- Ribeiro, Fernando. *Cambedo*. Blog Chaves. Dezembro 2007 (<http://chaves.blogs.sapo.pt/233137.html>,

<http://chaves.blogs.sapo.pt/233329.html>,
<http://chaves.blogs.sapo.pt/233480.html>)

- V.A.: *O Cambedo da Raia*. 1946. Ed. As. Amigos da República, Ourense, 2004.

- CRUZ, B.: *Guerrilheiros antifranquistas em Trás-os-Montes*. Ed. Âncora. Lisboa, 2005.



A FOTO

Charo Lopes



As bruxas todas da aldeia celebraram com entusiasmo e sorrisos grandíssimos o meu sangue luar, e ainda com mais ilusom, os meus atos terroristas e outros meus amores, as delicadas trenças de vímbio para cestos, e a maneira tam fina de pendurar penas dos meus cabelos, e dançar com os abalórios decorando-me como umha deusa menopáusica. Ferosa e espinhenta. Druantia dos souts a tocar a pandeireta nos semáforos.

Proletárias somos todas as filhas de Eva.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Duendeverde é um trasno azul que habita num palafito custodiado por sete gatos e um unicórnio. Só abandona o seu cogumelo quando programa una expedição; pois o mundo terrícola nom casa com a sua escala microscópica. Amante dos minumundos e do cosmos, Duendeverde lê Lovecraft sentado ao pé dumha grande árvore. E entre capítulo e capítulo escreve anotações estranhas, como este *Animal do Cosmos*.

Esta história provém dum mau sonho.

Fruto da visita inconexa a mundos em penumbra, fundidos com a vigília e a ficção, dando origem a umha nova fronteira, a anti-fronteira.

Nom é um lugar comum à Terra, mas tampouco se envolve com a neblina do sonho. Habita na parte intermédia de um abismo; a imagina-

ção latente, o cotiledom do germe que começa a brotar.

Resulta que esta noite acedim a novos recordos antes de saltar na anti-fronteira. Transitei durante o dia numha estranha possibilidade: a possibilidade do extraterrestri-ismo animal. Neste mundo fronteiro, os animais som seres poderosos que intervinhem nas cavilações, umha



telepatia avançada, e neste fluir de pensamentos ocorre o mundo. Trata-se de seres superiores que adotam variadas formas: desde um gentil minino até um leopardo tingido de noite. Com um intenso olhar pode-se observar a sua faceta estelar no íris dos seus olhos e umha pupila em constante movimento cara o interior.

Neste mundo, nada distinto do habitual, os seres mundanos caminham por riba deste viaduto de formas. Alguns impremem neles as suas frustrações enquanto a maioria engolimos a sua divindade transformada em mortal bolo alimentício.

E assim, o ovo goteia esvaindo-se por entre as montanhas azuis. / DUENDEVERDE



LÍNGUA NACIONAL

Tempo de mudança

Isabel Rei Samartim

Bom dia, comunidade! anunciam os Tribalistas na sua Carnavália, presságio do final do inverno, promessa de transformação da primavera. Esse prenúncio de esperança, que a ouvidos galegos chama do além do oceano, do Sol poente, do Brasil ilha das Maravilhas, parece abraçar nestes tempos também toda a Europa.

A dormida Escócia acorda rematadamente independentista nas eleições do chamado Reino Unido, num facto histórico sem precedentes que devia ser e não foi anunciado no megafone internacional. Os jornais europeus colocaram nas suas capas a referência à maioria 'absolutista' dos conservadores ingle-



ses, um claro sintoma da deriva neoliberal europeia.

Sobrevivendo às vermelhas águas do Mediterrâneo, entraram também os ventos de mudança da Grécia. Intrometeram-se na política portuguesa e espa-

nhola, combatidos desde a imprensa conservadora, que é toda. O herói Varoufakis foi criticado pela sua força. E, contudo, vão deixando semente na meseta ibérica, onde novas vozes agromam ao calor da primavera desse Gre-

dos cada vez mais harmonioso, irreconhecível a olhos dum Tolkien desprevenido, florido de propostas de direito a decidir e processos constituintes.

Qualquer cousa está a mudar. E está a mudar mais rápido do esperado. Na grande Galiza, portal de entrada e saída de Atlantes, as novas opções políticas recolhem o sentir reintegracionista da sociedade: Na altura de redigir este artigo consta que as alternativas cidadãs Ourense en Común e Compostela Aberta contêm nos seus programas adesões à Lei Paz-Andrade e na sua elaboração participam elementos da comunidade reintegracionista. Outros partidos, como o Partido da Terra, há anos que vem realizando as suas campanhas integralmente em Galego Comum.

A reafirmação da unidade da língua catalã feita pelo dirigente espanhol Pablo Iglesias no sábado

9 de maio em Barcelona, no ato de apoio à candidatura da Ada Colau à Presidência da Câmara, constitui um outro momento histórico sem precedentes. A defesa clara desta evidência filológica por parte dum político valheciano na própria Catalunha é indicativa de que a política da divisão linguística está a ruir. Acabou o tempo da manipulação. Chegam os dias do reencontro, da recuperação das raízes, da primavera das línguas.

As saudosistas do futuro, construtoras de utopias e demais heterodoxas temos o campo aberto. Entre o passado e o porvir apareceu uma janela de oportunidade. Uma dobradiça no muro. Uma greta na tristeza. Neste nosso Ano Santo essa porta ficará aberta o tempo inteiro e, no próximo, as Irmandades da Fala tomarão de novo a palavra. Não correm bons ventos para o conservadorismo. É tempo de mudança.

CINEMA

O novo céu de Eloy Domínguez Serén

Alberte Pagán

Em 2013, Martin Pawley, na revista *Acto de Primavera*, promoveu o Projeto Nimbos como homenagem ao livro de poemas homónimo de José María Díaz Castro com o galho da celebração do Dia das Letras Galegas na sua honra. Cada cineasta convocada/o havia de escolher um poema do livro e, prescindindo da literatura, trasladá-lo para imagens. Eloy Domínguez Serén contribuiu com umha peça de 6 minutos chamada *No novo ceio*, um título ajeitado à sua condição de emigrante, na altura, na Suécia.

Serén filmou a sua peça no distrito de Enskede-Årsta-Vantör, no sul de Estocolmo. Como no caso de Takashi Ito na similar *Akuma no kairozu* (*O circuito do dianho*, 1988), o cineasta serviu-se dum plano da cidade como guiom e, ao igual que Ito, traçou um círculo sobre o mapa, neste caso com um raio de entre 900 e 1000 metros e com centro no edifício escolhido para a sua investigação, o Globen, a construção esférica maior do mundo com um diâmetro de 110 metros



e umha altura de 85 metros. A planta do edifício é um espelho do guiom do filme, dessa circunferência traçada sobre o mapa. Ao contrário que o edifício de Ito, que vemos girar precisamente por ter umha planta retangular que delata a mudança de posição da câmara e, portanto, o movimento, a esfericidade da construção de Serén oculta a rotação: o Globen, como umbigo centrípeto, é sempre idêntico a si mesmo, olhemo-lo de onde o olhemos. (Todo lugar é suscetível de se converter em umbigo: só cumpre girar arredor dele; ou ter tal presença, por altura, por monumentalidade, que todas as olhadas convirjam nele).

Como *Sundial* (William Raban, 1922), que gira arredor doutro edifício emblemático, o Canary Wharf do East End londrino, *No novo ceio* começa ao amanhecer e remata após o sol-pôr, o que converte ambos os filmes em duas "sinfonias urbanas", com umha presença humana significativamente maior do que na obra de Ito referida, mais desumanizada e mecânica. Mas nom apenas reflete a passagem das horas do dia, mas também a das diferentes estações do ano. Filmada entre o outono de 2013 e a primavera de 2014, o filme começa com a cidade nevada para, a partir de aí, levar-nos por diferentes céus, cobertos e descober-

tos, e por variados graus de nudez das árvores.

No novo ceio consta de 7 planos de similar duração (uns 20 ou 30 segundos), exceto um par deles, que se destacam pola sua maior duração: o quarto, em que vemos em primeiro termo umha paragem de tranvia; e o derradeiro, de minuto e meio de duração, em que, já à noite, a cúpula se ilumina de vermelho enquanto em primeiro plano vemos umha

tranquila rua em que um carro estacionado arranca e marcha, enquanto os créditos finais completam o filme. Todos os planos estão montados com pachorrentas fusons encadeadas, mediante as quais dous espaços separados e diferenciados convivem momentaneamente, enquanto a esfera do Globen permanece imutável, sempre presente na mesma posição. Os encadeamentos salientam a identidade do edifício, que transcende os planos, incólume.

Serén conseguiu tal perfeição na ensablatura dos planos graças a um padrom em que desenhou a envolvência do edifício, e que depois aplicou ao ecrã da

câmara para obter um enquadramento perfeito. Mas nom apenas a distância tinha que ser parelha, mas também o ângulo de enquadramento. *No novo ceio* compartilha esta perfeição técnica com a peça de Ito, ainda que os ritmos e os significados de ambas as peças sejam opostos. *Sundial*, mais desestruturada em rigor estrutural, tem a mesma qualidade humana que a peça de Serén; mas a de Serén respira umha maior serenidade devido à duração dos planos; serenidade que bem casa com o misticismo da poesia de Díaz Castro e com o tom nostálgico e saudoso do poema interpretado por Serén: "o seu sangue vello no novo céu", "a miña vida nova", "tiven que afogalo en bágoas"...

Mentres Serén procurava, sem sucesso, umha torre circular que servisse aos seus propósitos, acabou topando o Globen, de brucos, sem esperá-lo, como umha revelação. De tanto estar presente na sua vida, chegara a tornar-se invisível. Sentindo-se observado por ele, Serén decide inverter a olhada. E é assim como o Globen se converte, por arte de magia e durante seis minutos, no umbigo do mundo.